



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
Faculdade de Educação

MARINA KRUGER OLIVEIRA

**CIDADANIA PLANETÁRIA E A PEDAGOGIA DO MOVIMENTO
ESCOTEIRO: PERSPECTIVAS QUE SE ENTRELAÇAM**

BRASÍLIA - DF, 2024

MARINA KRUGER OLIVEIRA

**A CIDADANIA PLANETÁRIA E A PEDAGOGIA DO MOVIMENTO
ESCOTEIRO: PERSPECTIVAS QUE SE ENTRELAÇAM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia, orientado pela professora Dra. Caetana Juracy Rezende Silva.

BRASÍLIA- DF, 2024

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo, agradeço à minha família. À minha mãe, que em seu carinho e ternura, esteve sempre presente para comemorar minhas felicidades com tamanha alegria e ser meu suporte nas dificuldades deste caminho. Ao meu pai, que com sua determinação e garra, me ensinou a encarar a vida de cabeça erguida, me incentivou a ir atrás dos meus sonhos e acreditou em mim mesmo quando eu mesma não acreditava. À minha irmã, minha maior inspiração e melhor amiga, que segurou minha mão e me guiou por toda essa trajetória, sempre me ensinando que ser você mesma é o melhor caminho. A eles que sempre me encorajaram a abrir as asas e voar por aí.

Agradeço ao Grupo Escoteiro Gavião Real - 36° DF e aos meus Chefes Escoteiros, que por 11 anos doaram seu tempo e esforços em prol do meu desenvolvimento, incentivaram minha busca pelo mundo e me viram crescer levando seus ensinamentos como valores para a vida. Ao Movimento Escoteiro em geral, por proporcionar aventuras, experiências e oportunidades que me formaram e me fazem a pessoa que sou hoje.

Aos meus amigos, por trazerem alegria e risadas para o meu dia a dia, por caminhar ao meu lado e tornar essa jornada mais leve e bonita.

E à minha orientadora, Prof Dra Caetana Juracy Rezende Silva, por me acompanhar em toda essa jornada com o seu olhar cuidadoso, transmitindo calma e confiança.

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de analisar as relações entre a proposta pedagógica do Movimento Escoteiro e a perspectiva de cidadania planetária de Francisco Gutiérrez e Cruz Prado, no livro “Ecopedagogia e Cidadania Planetária” de 1999. A partir de uma análise bibliográfica dos documentos oficiais do Movimento Escoteiro, estabelecidos pela União dos Escoteiros do Brasil, e do livro citado, fez-se um estudo dos elementos principais de cada abordagem e em seguida a análise das convergências e entrelaçamentos entre ambas, identificando que ambas decorrem da mesma preocupação: a formação de uma nova geração de cidadãos ativos e responsáveis, comprometidos com suas comunidades locais e com o cuidado e respeito ao meio ambiente. O estudo permitiu a compreensão das práticas educativas do Movimento Escoteiro como delineadoras de um espaço educativo não escolar capaz de contribuir para o desenvolvimento humano na perspectiva da cidadania planetária tal como pensada por Gutiérrez e Cruz Prado.

Palavras-chave: Educação não escolar, Movimento Escoteiro, Cidadania Planetária, Ecopedagogia.

ABSTRACT

The aim of this work is to analyze the relation between the pedagogical proposal of the Scout Movement and the perspective of Planetary Citizenship of Francisco Gutiérrez and Cruz Prado, written in the 1999 book “Ecopedagogy and Planetary Citizenship”. Based on a bibliographical analysis of the Scout Movement's official documents, established by the Union of Scouts of Brazil, and the book mentioned, a study of the main elements of each approach was made, followed by an analysis of the convergences and interconnections between the two, identifying that both arise from the same concern: the formation of a new generation of active and responsible citizens, committed to their local communities and to care and respect with the environment. The study allowed us to understand the educational practices of the Scout Movement as an important non-school educational space capable of contributing to human development aligned to the perspective of Planetary Citizenship as envisioned by Gutiérrez and Cruz Prado.

Keywords: Non-school education, Scout Movement, Planetary Citizenship, Ecopedagogy.

MEMORIAL

“Cidadão do mundo eu sou”

Janela para o mundo
Milton Nascimento (1997)

O memorial aqui descrito já faz parte da introdução deste trabalho de conclusão de curso.

Minha história começa aqui mesmo em Brasília, no ano de 2001. Quinze anos depois do nascimento da minha irmã mais velha, meus pais tiveram uma surpresa e eu estava à caminho.

De família gaúcha e com corações exploradores, meus pais deixaram o interior do Rio Grande do Sul e atravessaram o país em busca do sonho de viver na nova capital e construir estabilidade, o ano era 1983. Logo cedo, minha irmã deu sinal e mudou a vida um pouco, a rotina na Capital Federal já não era suficiente, e a oportunidade de buscar um novo cenário se abriu. Embarcaram no tão amado fusca azul e partiram para Recife, sempre arriscando mais um pouco - o ano era 1990. A vida pernambucana foi boa por um tempo, mas não se deu da forma que era esperada e a saudade de Brasília falou mais forte, mudando os planos completamente. Mais uma vez a bordo do fusca azul, minha família voltou para Brasília e escolheu chamá-la de casa, o ano era 1994.

Eu nasci aqui, em chão de terra vermelha, mas minhas raízes são gaúchas e minha história viaja por aí. Tenho o coração explorador dos meus pais e hoje me sinto cidadã do mundo, como diz Milton Nascimento: “o mundo até parece meu quintal”. Boa parte desse sentimento nasceu quando eu me juntei ao Movimento Escoteiro em 2013 e tive a oportunidade de conhecer culturas, vivenciar a natureza e me aventurar pelo mundo.

O objeto de estudo deste trabalho é ele - o Movimento Escoteiro - e o impacto educacional que ele busca. O Movimento Escoteiro mudou e moldou a minha vida, foi dentro dessa comunidade que eu criei meus valores, minha personalidade e minha visão de mundo. Neste memorial, trago um pouco da minha trajetória à procura de transmitir a vocês, leitores, um pouco do significado que a educação não formal teve no meu desenvolvimento como cidadã crítica e pensante.

Ela começa aos meus 12 anos, por completa influência da minha irmã mais velha. Era uma tarde de sábado e nós íamos à uma atividade escoteira em um Parque no Lago Norte, nada daquilo tinha significado para mim ainda, era só uma grande brincadeira. Naquele dia,

eu pude conhecer novas pessoas, correr, brincar, me sujar de terra, e todas essas novas situações se tornaram grandes oportunidades de aprendizado. A natureza se tornou minha segunda casa e estar ao ar livre era parte essencial da minha semana, de segunda à sexta eu ansiava para que a tarde de sábado logo chegasse e eu pudesse ver novamente meus amigos, aprender algo novo e brincar.

Para contextualizar, vou explicar brevemente como as atividades se davam: todos os sábados, das 15h às 18h, os membros do Grupo Escoteiro se encontravam no Parque Vivencial do Lago Norte, era realizada uma cerimônia inicial de abertura da atividade e em seguida as crianças se dirigiam ao seus respectivos grupos. Juntos, e com o apoio de adultos, eram realizados jogos de integração, seguidos de atividades mais técnicas voltadas para a aprendizagem de alguma competência (seja ela física, intelectual, espiritual, social ou afetiva) e por fim outro jogo mais ativo. Tais dinâmicas serão melhor especificadas ao longo deste trabalho.

O caminho de me sentir cidadã do mundo passou primeiro pela construção do sentimento de pertencimento ao meu lugar, minha cidade e minha comunidade. A educação escoteira, a partir de jogos, me ensinou a ser cidadã. Com a atividade do Mutirão Comunitário, nos unimos para deixar algum local da comunidade um pouco melhor que encontramos - seja reformando nosso Parque, pintando uma escola, levando doações a quem precisa. O Mutirão Ecológico, me ensinou a cuidar da natureza - minha segunda casa - ao recolher o lixo do Lago Paranoá e enviar para a reciclagem o que era possível. O Grande Jogo da Cidade nos levou ao Eixo Monumental e, brincando, aprendi sobre os três Poderes, os ministérios e tudo aquilo que gira em torno do símbolo político da minha cidade. Com isso, me fiz Brasiliense.

Toda essa jornada era trilhada em grupo, trabalhando a cooperação, a comunicação e a confiança uns nos outros. A cada sábado aprendíamos, por jogos e desafios, habilidades como estas que colocaríamos em prática no acampamento. O acampamento é o grande símbolo do Movimento Escoteiro, a oportunidade de aplicar e vivenciar tudo que aprendemos, o momento pelo qual as crianças mais esperam.

Meu primeiro acampamento foi em novembro de 2013 e guardo preciosas memórias dele e dos incontáveis que vieram após. Foram neles que apliquei tudo que os jogos de cooperação me ensinaram e precisei trabalhar em equipe, uma vez que eu e minha patrulha (grupo de 8 jovens da mesma faixa etária) precisávamos dividir tarefas como cozinhar, limpar e lavar, ao mesmo tempo que vivíamos as melhores experiências juntos - fazer rapel em montanhas, entrar em cavernas, explorar trilhas.

Uma vez que me apropriei do sentimento de pertencer à essa comunidade e à cidade, pude dar o próximo passo para a cidadania do mundo, e realmente conhecê-lo. Com o Movimento Escoteiro fui ao Japão em 2015, e aos 14 anos conheci uma cultura completamente diferente de tudo que eu havia experimentado. Nessa viagem acampeei por 12 dias na cidade de Kirarahama com 33.628 escoteiros de 155 países diferentes. Essa vivência foi impactante para a minha vida, assim como as outras viagens com os escoteiros, conheci milhares de pessoas que acreditavam nos mesmo valores que eu, mas que os praticavam de formas completamente diferentes. Entendi que existe muito além da nossa bolha, que olhares para o mesmo objeto podem ter interpretações completamente diferentes dependendo de onde você está e da sua cultura. Em 2016, viajei para o Espírito Santo; em 2022 trabalhei para os escoteiros na Inglaterra e em 2023 na Suíça. Todas as portas que o Movimento Escoteiro abriu me tornaram cidadã do mundo.

O Ensino Médio terminou em 2018 e em 2019 escolhi a pedagogia como caminho. Naquela época, esses dois assuntos - educação e Movimento Escoteiro - eram duas partes diferentes que me formavam, afinal, o escoteiro era uma grande diversão e a educação era a minha futura carreira. Contudo, com o passar dos semestres logo eu entendi que tudo estava interligado e vi o potencial educativo de todas essas experiências que foram narradas aqui. A pedagogia abriu os meus olhos para aquilo que eu vivi minha vida inteira e me possibilitou experimentar o Movimento Escoteiro de outra maneira, agora com um olhar teórico sobre a sua importância.

Com isso, fui capaz de assimilar e absorver muito mais os ensinamentos do método escoteiro, e também de transmiti-los para os jovens. Entendi que a educação para a cidadania que recebi foi parte crucial do meu desenvolvimento como indivíduo e resolvi que tentaria passar adiante todas as oportunidades de aprendizado que o Movimento Escoteiro me proporcionou, seja em sala de aula, seja aos sábados no parque.

Por isso, os convido a ler o meu trabalho de conclusão de curso, sua idealização surgiu da minha necessidade de alinhar as minhas experiências escoteiras com o olhar pedagógico que construí dentro da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Esse trabalho surge na tentativa de criar uma ponte entre tudo aquilo que aprendemos nas salas da universidade e as brincadeiras e jogos que o Movimento Escoteiro propõe aos seus jovens. Busco também dar uma maior visibilidade ao método educativo escoteiro, que, para mim e para muitos outros, teve uma grande relevância na formação cidadã. Espero que esse trabalho seja útil àqueles que se interessarem e que facilite o entendimento sobre o que é o Movimento Escoteiro e quais seus objetivos educacionais.

SUMÁRIO

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| AGRADECIMENTOS..... | 3 |
| RESUMO..... | 4 |
| ABSTRACT..... | 5 |
| MEMORIAL..... | 6 |
| INTRODUÇÃO..... | 10 |
| CONTEXTOS..... | 13 |
| O Movimento Escoteiro..... | 13 |
| Cidadania Planetária..... | 24 |
| COMO A PEDAGOGIA DO MOVIMENTO ESCOTEIRO SE RELACIONA COM A PERSPECTIVA DA CIDADANIA PLANETÁRIA?..... | 31 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 41 |
| REFERÊNCIAS..... | 43 |

INTRODUÇÃO

A escola não é a única instituição responsável pela formação humana, visto que as possibilidades de ensinar e aprender que estão na base das dinâmicas sociais contemporâneas residem na articulação integradora de experiências formativas que se dão em diversos tempos e espaços sociais (Pimenta; Severo, 2021 p.324).

A educação está em todos os lugares. Ensinar e aprender são intrínsecos ao ser humano e fazem parte do modo como nos relacionamos com o mundo. A educação formal e escolar tornou-se protagonista do processo de aprendizagem após a ascensão do capitalismo e estruturou-se como a principal e mais importante forma de formação para a cidadania e preparação para o mundo do trabalho (Magalhães, 2023). Porém, pode-se afirmar que a educação e formação do indivíduo não se faz apenas dentro da escola, aprendemos e absorvemos o mundo ao nosso redor o tempo todo e em todos os lugares e, como afirma Carlos Rodrigues Brandão (1982), todos os dias misturamos a vida com a educação.

Felizmente, durante a minha formação, tive a oportunidade de vivenciar diversos espaços de aprendizagem fora da sala de aula, como mencionado no Memorial, que contribuíram para a minha formação cidadã. Espaços como o que foi narrado, o Movimento Escoteiro, faz parte de uma educação que ocorre fora da sala de aula, um espaço que se constitui para contribuir para a formação integral do indivíduo, fortalecendo laços entre a educação formal e as experiências sociais e culturais de cada pessoa.

O artigo 206 da Constituição Federal Brasileira de 1988 abre espaço para esses espaços educacionais uma vez que define como finalidade da educação “o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL,1988). Neste contexto, a aprendizagem para o desenvolvimento pleno vai muito além da educação formal, ministrada em sala de aula dentro das escolas e universidades. É necessário que o educando vivencie experiências em diferentes contextos e situações e a educação não formal, ou educação em espaços não escolares, desempenha um papel muito importante na formação integral do cidadão.

Pode-se definir como educação não formal uma educação que é institucionalizada, intencional e planejada, é vista como um acréscimo à educação formal das escolas e tem o objetivo de auxiliar no processo de aprendizagem contínua do educando, buscando uma formação holística e integrada para cada indivíduo (OMME, 2019). Muitas organizações atuam como espaços educacionais não formais, e, entre elas, está o Movimento Escoteiro, movimento educativo juvenil que busca contribuir para o desenvolvimento pleno de crianças

e jovens entre 7 e 21 anos de idade. Segundo Magalhães (2023), essas instituições e espaços de educação não escolar ocupam um importante lugar na formação, uma vez que incentivam a “formação omnilateral dos sujeitos em todas as suas dimensões (intelectual, social, física, cognitiva, emocional, cultural etc.), no sentido de uma educação verdadeiramente integral, na qual é dada ao sujeito a possibilidade de desenvolver todas as suas potencialidades” (p.11).

Com um viés voltado para a educação sustentável, esse movimento procura auxiliar na formação de cidadãos responsáveis e membros ativos de suas comunidades locais, nacionais e global. O trabalho desenvolvido aqui tem como objetivo analisar as relações entre a proposta pedagógica do Movimento Escoteiro e a perspectiva de cidadania planetária desenvolvida pelos autores Francisco Gutiérrez e Cruz Prado. Para isso, foram identificados os elementos convergentes e divergentes de ambas propostas, analisados e relacionados.

Esse estudo nasceu do impacto da minha experiência pessoal no Movimento Escoteiro e da sua relevância para a minha formação como cidadã. Nesse contexto, senti a necessidade de buscar teorias pedagógicas que pudessem se relacionar com o trabalho que é feito dentro do Movimento, para entender mais sobre a sua relação com a pedagogia e construir uma ponte que unisse as duas vertentes.

Além disso, é necessária a criação de uma nova perspectiva de cidadania para uma nova compreensão do papel do ser humano no ecossistema planetário. Com essa preocupação, esse estudo se constitui como uma forma de entender a perspectiva de cidadania mais profundamente e alinhá-la ao trabalho educativo que o Movimento Escoteiro faz, e assim compreender como este pode auxiliar no desenvolvimento de um cidadão planetário.

O trabalho aqui desenvolvido tem natureza documental e bibliográfica, e para a sua realização foram realizados três movimentos. Em primeiro lugar, foi feita uma análise inicial dos documentos oficiais que regem o Movimento Escoteiro no Brasil e foram selecionados os três mais relevantes para uma análise mais profunda. Esses documentos constituíram a base para a pesquisa.

Em seguida, foi utilizado o catálogo de teses e dissertações a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e o Google Acadêmico para encontrar trabalhos sobre a Ecopedagogia, na busca de teorias pedagógicas que pudessem alinhar as perspectivas de natureza e cidadania que são trabalhadas dentro do Movimento Escoteiro. Dentro desta linha de investigação, foram encontrados alguns textos do autor Moacir Gadotti que levantaram questões muito interessantes sobre a Pedagogia da Terra e a Educação Ambiental, como os artigos “Ecopedagogia, pedagogia da terra, pedagogia da

sustentabilidade, educação ambiental e educação para a cidadania planetária” (2001) e o livro “Educar para a sustentabilidade” (2008), escritos para o Instituto Paulo Freire em São Paulo.

Nessa pesquisa exploratória, nos vários textos encontrados, foi identificado um livro em comum nas referências bibliográficas da maioria deles: “Ecopedagogia e Cidadania Planetária”, escrito por Francisco Gutiérrez e Cruz Prado no ano de 1999. O livro faz parte da coleção ‘Guia da Escola Cidadã’ do Instituto Paulo Freire e se mostrou livro base para as investigações nos assuntos de educação ambiental e cidadania. Considerando a amplitude da abordagem apresentada na obra citada e sua aderência à proposta pedagógica do Movimento Escoteiro, foi feita a opção metodológica de limitar este estudo à sua análise em conjunto com os documentos selecionados da União dos Escoteiros do Brasil.

Após a seleção dos documentos foi feita a leitura completa de todos, destacando os principais argumentos trabalhados em cada um. A leitura crítica teve o objetivo de traçar uma comparação entre os documentos do Movimento Escoteiro e o livro citado acima, buscando pontos convergentes e divergentes.

Coerente com as etapas de estudo, este texto está dividido em duas partes: a primeira delimita os contextos das perspectivas investigadas, primeiramente o Movimento Escoteiro, abordando sua história, seu método educativo e seus princípios e valores e, em seguida, a perspectiva de cidadania planetária, abordando as principais questões levantadas no livro ‘Ecopedagogia e Cidadania Planetária’, escrito por Francisco Gutiérrez e Cruz Prado. A segunda parte deste texto é dedicada a entender como a pedagogia do Movimento Escoteiro pode se relacionar com a perspectiva de cidadania planetária levantada pelos autores do livro em questão, trazendo os pontos convergentes das teorias e também da prática dentro do Movimento.

CONTEXTOS

Nesta seção são abordados os contextos do Movimento Escoteiro, com o detalhamento de sua história, princípios e valores, e do conceito de cidadania planetária pensado por Gutiérrez e Cruz Prado, buscando explicitar alguns dos principais elementos dessa abordagem.

O Movimento Escoteiro

O Movimento Escoteiro tem suas raízes na Inglaterra, em 1907, a partir das ideias de Robert Baden-Powell, na época Major-General do exército britânico. A origem de suas concepções para o escotismo é datada em 1899, durante a Guerra do Transversal

Baden Powell comandava a guarnição do entroncamento ferroviário de Mafeking, cuja posse era de grande valor estratégico. A cidade foi durante meses vítima de ataques de forças inimigas muito superiores, e só se manteve graças à inteligência e coragem de seu comandante, cujas atitudes inspiravam a atuação de seus comandados. Como dispunha de poucos soldados, ele treinou todos os homens válidos da cidade para usá-los como combatentes e para os serviços auxiliares, primeiros socorros, comunicação, cozinha, etc., organizando um corpo de cadetes com adolescentes na cidade. As maneiras como os jovens desempenhavam suas tarefas, seus exemplos de educação, lealdade, coragem e responsabilidade, causaram grande impressão em Baden Powell e, anos mais tarde, este acontecimento teria grande influência na criação do escotismo (Thomé, 2006, p. 175).

Para reunir os conhecimentos que transmitiu aos jovens, Baden-Powell lançou o livro “Ajudas à exploração militar” (*Aids to Scouting*, 1894) destinado ao uso militar e que trazia informações sobre pistas, exploração e outros conteúdos relacionados à vida no campo. O diferencial da obra era seu olhar inovador, uma vez que propunha jogos lúdicos para colocar em prática as habilidades necessárias para ser um bom reconhecedor (*Scout*). O sucesso da obra entre os jovens ingleses foi grande, eles passaram a replicar os jogos descritos e demonstrar interesse em aprender as lições que o manual ensinava, logo em seguida algumas escolas britânicas passaram a utilizá-lo em sala de aula.

Devido a tal sucesso, Baden-Powell dedicou-se a adaptar esses ensinamentos para os jovens fora do contexto militar. Com isso, em 1907, convidou vinte adolescentes de 12 a 16 anos para realizar o primeiro acampamento escoteiro e testar suas ideias, o grupo foi para a Ilha de Brownsea, no Canal da Mancha, com o objetivo de aprender sobre vida em equipe e ao ar livre, acampamentos, fogueiras, jogos, rastreamento, dedução e observação, técnicas de primeiros socorros, alimentação e boas ações. (Thomé, 2006). O acampamento obteve resultados extremamente positivos e, em 1908, frente a todos os acontecimentos ao redor de

suas ideias, notou-se a necessidade de reescrever o livro de forma mais adequada para os jovens ingleses de modo geral, fora do contexto militar, e nesse momento criou-se a obra “Escotismo para Rapazes”, considerada até hoje o livro cerne para o Movimento Escoteiro.

Em 1909, com o apoio de Olave Baden-Powell, o movimento escoteiro passou a aceitar meninas, visando levar para elas também a oportunidade de viver experiências escoteiras. O aumento da visibilidade para o futuro Movimento Escoteiro resultou no afastamento de Robert Baden-Powell do exército, em 1910, para dedicar-se exclusivamente à estruturação e expansão do escotismo ao redor do mundo. Rapidamente, jovens do mundo inteiro interessaram-se nas atividades de aventura e ao ar livre que foram propostas e juntaram-se à comunidade escoteira mundial, culminando no primeiro acampamento internacional de escoteiros - o “*Jamboree*” - em 1920, na cidade de Londres, que reuniu 20 mil jovens de 32 países diferentes.

Atualmente, o Movimento Escoteiro reúne cerca de 57 milhões de membros, presentes em 216 países e territórios com o propósito de “contribuir para o desenvolvimento dos jovens na conquista de todos os seus potenciais físicos, intelectuais, emocionais, sociais e espirituais como indivíduos, como cidadãos responsáveis e como membros de suas comunidades locais, nacionais e internacionais” (WOSM, 2011)

No território brasileiro, esse movimento foi introduzido em 1910, com a chegada de oficiais da Marinha Brasileira que estavam na Inglaterra nos anos anteriores e presenciaram o crescimento e o impacto do escotismo como uma forma de educação complementar na vida dos jovens ingleses. Esses marinheiros e oficiais trouxeram uniformes escoteiros e uma grande vontade de difundir pelo Brasil o que viram na Inglaterra, e assim fundaram o Centro de *Boy Scouts* do Brasil no Rio de Janeiro, em 14 de agosto de 1910 (Thomé, 2006). Desse ponto em diante, o Movimento Escoteiro se consolidou em grande parte dos estados brasileiros e, em 1917, foi reconhecido como utilidade pública pelo Decreto do Poder Legislativo nº 3.297, sancionado pelo Presidente Wenceslau Braz que, no Art. 1º, estabelecia: “São considerados de utilidade pública, para todos os efeitos, as associações brasileiras de escoteiros com sede no país”. (Thomé, 2006, p. 176).

O ano de 1924 marcou um grande avanço para o Movimento Escoteiro no Brasil devido à criação da União dos Escoteiros do Brasil (UEB), instituição que foi responsável por unificar as associações escoteiras ao redor do país e fazer com que os valores e princípios ganhassem amplitude de forma organizada. No momento atual, a UEB possui exclusividade de implementação do Movimento Escoteiro no Brasil e “é responsável por dirigir e acompanhar as práticas escoteiras nas Unidades Escoteiras Locais, espalhadas em todo o

território nacional brasileiro.” (UEB, s/d). O Brasil possui hoje mais de 90 mil participantes do Movimento Escoteiro, dos quais cerca de 25 mil são adultos voluntários e 65 mil são jovens de 7 a 21 anos, de acordo com o relatório anual de 2023 da União dos Escoteiros do Brasil.

Desde então, as ideias do Movimento Escoteiro têm se adaptado e se estruturado conforme as necessidades de cada local em que atua, consolidando-se e ampliando sua visibilidade e o seu impacto. Os princípios e valores estabelecidos por Robert Baden-Powell ainda são seguidos e valorizados, porém não são tomados como verdade única, visto que os contextos culturais e históricos de 1907 são completamente diferentes do que vivemos hoje no século 21. O Movimento Escoteiro visa estar sempre atualizado para fornecer um sistema educacional que melhor responda aos desafios globais da atualidade, mas sem abandonar o seu objetivo.

Um movimento deve ser dinâmico, não pode ser estático. Por definição e natureza, isso implica evoluir para alcançar um propósito. Como um Movimento, o Escotismo evolui com o tempo para alcançar seu propósito e atender às necessidades dos jovens de um determinado tempo e local. Ele precisa ser permanentemente capaz de mudar sua abordagem em todos os níveis, adaptar-se e ser flexível na maneira como trabalha para isso, uma vez que o Escotismo não vive no vácuo, mas em uma sociedade em constante e rápida mudança. (OMME, 2019, p.26)

O Movimento Escoteiro é definido como um movimento educativo não formal para jovens, apolítico e aplicado com o apoio de adultos voluntários, é aberto para todos sem discriminação de gênero, raça ou credo. De acordo com a Constituição da Organização Mundial do Movimento Escoteiro (2011) seu objetivo é contribuir para o desenvolvimento dos jovens na conquista de todos os seus potenciais físicos, intelectuais, emocionais, sociais e espirituais como indivíduos, como cidadãos responsáveis e como membros de suas comunidades locais, nacionais e internacionais.

Apesar de ter suas raízes dentro do exército britânico, atualmente o Movimento Escoteiro não se relaciona mais com essa instituição, e se coloca como uma organização independente: “Toda Organização Escoteira Nacional deve ter a capacidade de tomar decisões livremente, por sua própria autoridade e soberania, sem a interferência de instituições públicas, sociais ou religiosas” (OMME, 2019, p.36). A partir do seu objetivo, o Movimento Escoteiro se adapta às realidades locais e é flexível, podendo ajustar as suas práticas de acordo com as necessidades da comunidade e da cultura na qual se insere.

Com o olhar voltado para o desenvolvimento sustentável e para a formação do indivíduo como um cidadão ativo, esse movimento busca fomentar nas crianças e jovens a

autonomia e a criticidade acerca do mundo ao seu redor, na tentativa de criar um planeta melhor para as próximas gerações.

A abordagem educacional do Escotismo visa dotar os jovens das competências necessárias para construir vidas plenas e trabalhar pelo desenvolvimento sustentável. Tudo isso contribui para uma identidade e uma abordagem educacional compartilhada, as quais compõem as características essenciais do Escotismo e nos unem como um Movimento (OMME, 2019 p 6).

Para isso, adota-se uma visão holística do processo educacional, buscando a interconexão entre as potencialidades do indivíduo em seus âmbitos social, afetivo, físico, intelectual, espiritual e de caráter. Essa perspectiva fundamenta-se em quatro pilares da aprendizagem: aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a conviver,¹ os quais servem como diretrizes para o desenvolvimento do método educativo escoteiro. Esses pilares têm como finalidade promover o desenvolvimento de um indivíduo autônomo e responsável, capaz de adquirir conhecimento sobre o mundo ao seu redor, bem como de desenvolver habilidades essenciais para lidar com diversas situações e conviver harmonicamente com os outros e com a natureza.

As sociedades de hoje em dia exigem, da educação, muito mais do que a aprendizagem tradicional. Espera-se que a educação promova a criatividade e o conhecimento, competências cognitivas, interpessoais e sociais de alto nível, além daquelas que permitam aos cidadãos levar vidas saudáveis e plenamente realizadas, tomar decisões conscientes com base no pensamento crítico e responder aos desafios locais e globais. É por isso que a educação vai muito além da educação formal, tanto em seu escopo quanto em sua duração. Desde que surgiu o Escotismo, cada sucessiva geração se esforçou para identificar e responder aos desafios da sociedade e do mundo através da educação. [...] As contribuições do Escotismo para a paz, os direitos humanos, a solidariedade global, o desenvolvimento, o meio ambiente e sua sustentabilidade, o diálogo inter-religioso e intercultural sempre foram ferramentas educacionais para promover a compreensão, o respeito e a coexistência da vasta diversidade que o Movimento representa. (OMME, 2019, p. 10)

Três princípios guiam a ação escoteira, e são vistos como um marco de referência ética que orienta a conduta de seus membros e define um estilo de vida. A partir destes princípios, busca-se transformar o mundo em um lugar melhor para todos. São eles:

1. Compromisso com o aprimoramento da sua espiritualidade, seja ela inspirada em Deus ou em outras convicções;
2. Compromisso de cooperação com os outros e de respeito com a natureza, para a construção de um mundo melhor; e

¹ Pilares elaborados por Jacques Delors para o relatório da UNESCO de 1996, que têm sido criticados por possibilitarem uma leitura neoliberal.

3. Compromisso consigo mesmo. (UEB, 2013, p. 12)

A implementação dessa abordagem educacional fundamenta-se em um método educativo baseado em oito elementos inter relacionados, os quais visam promover a autoeducação, a independência e o aprendizado cooperativo de maneira divertida e segura para os jovens. Os oito elementos-chave formam um conjunto unificado e coeso que alicerça as atividades escoteiras que acontecem aos sábados, local no qual coloca-se em prática o método educativo a partir de jogos e brincadeiras, como citado anteriormente no memorial que introduz este trabalho.

Imagem 1: Esquema do Método Educativo Escoteiro



Fonte: Características Essenciais do Escotismo, OMME, 2019, p. 16.

Cada um desses itens será abordado e detalhado a seguir.

Os elementos centrais dessa estrutura são a **Lei e a Promessa Escoteira**. A Promessa escoteira faz parte de uma cerimônia inicial de entrada no Movimento Escoteiro e é o primeiro compromisso consciente que o jovem escoteiro realiza em direção ao seu autodesenvolvimento, ela é vista como um guia para o comportamento social e individual para “fazer o melhor possível” e é realizada apenas no momento em que a criança ou adolescente se sente preparado para unir-se aos valores do Movimento Escoteiro. A partir da promessa, a Lei Escoteira é admitida como guia prático e concreto para as ações diárias.

A Lei Escoteira é um código de vida positivo através do qual o Escotismo propõe seus valores universais aos jovens, de maneira concreta e prática. Os valores contidos na Lei Escoteira e adotados através da Promessa Escoteira moldam os jovens em seu comportamento e em sua vida de grupo (OMME, 2019, p.17).

A Lei Escoteira é composta por 10 artigos que estabelecem este código de vida positivo, os quais são:

1. O Escoteiro é honrado e digno de confiança; 2. O Escoteiro é leal; 3. O Escoteiro está sempre alerta para ajudar o próximo e pratica diariamente uma boa ação; 4. O Escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais escoteiros; 5. O Escoteiro é cortês; 6. O Escoteiro é bom para os animais e as plantas; 7. O Escoteiro é obediente e disciplinado; 8. O Escoteiro é alegre e sorri nas dificuldades; 9. O Escoteiro é econômico e respeita o bem alheio; 10. O Escoteiro é limpo de corpo e alma.²

Ao longo da jornada do jovem escoteiro, o entendimento desses itens é aprimorado e aprofundado e a Lei ganha um significado próprio para cada um, tornando-se parte do seu desenvolvimento de valores como indivíduo e cidadão. O objetivo é que cada um desses itens sejam incorporados no dia-a-dia da criança de forma pessoal, carregados de sentido dentro da sua singularidade, e a partir disso, possam guiá-la a buscar sempre uma ação positiva em relação ao mundo ao seu redor.

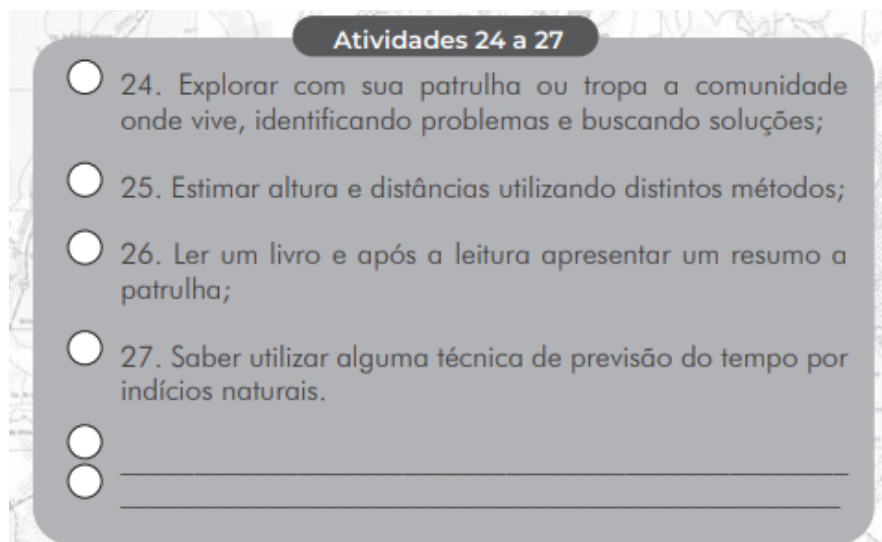
O segundo elemento do método educativo é o **aprender fazendo**, que busca fornecer uma educação baseada em vivências práticas e oportunidades de aprendizado na vida cotidiana, proporcionando espaços para reflexões e soluções de problemas. Dessa forma, a aprendizagem se mostra como o resultado de ações práticas, nas quais há a oportunidade de cometer erros em um espaço seguro e explorar o ambiente.

A **Progressão Pessoal** coloca em prática o aprender fazendo através de um sistema estruturado de atividades a serem realizadas pelo jovem escoteiro de maneira autônoma e de acordo com o seu interesse, com o objetivo de motivá-lo e desafiá-lo a buscar seu desenvolvimento, respeitando seu próprio ritmo e os objetivos delineados para a sua faixa etária. Abaixo seguem exemplos de atividades propostas para a progressão pessoal do desenvolvimento intelectual de jovens de 11 a 15 anos, que têm o objetivo de propor situações que o jovem possa facilmente realizar e assim caminhar para o seu desenvolvimento intelectual, de acordo com as competências de aprendizagem que o Movimento Escoteiro propõe e que serão explicitadas no decorrer deste trabalho. Essas atividades para a progressão pessoal são facilitadas pelos adultos voluntários quando

² O texto utilizado pela União dos Escoteiros do Brasil na Lei Escoteira visa ser simples para melhor entendimento por parte das crianças.

necessário, ou realizadas de forma autônoma pela criança a partir do seu interesse por cada uma delas.

Imagem 2: atividades propostas para o desenvolvimento intelectual de jovens de 11 à 15 anos



Fonte: Tropa Escoteira em Ação!, União dos Escoteiros do Brasil, 2022, p.25

Essas atividades ocorrem através de um **sistema de equipes** baseado na divisão dos jovens em grandes grupos por faixa etária e, dentro desses grupos, pequenas equipes. Esse sistema tem o objetivo de fortalecer o trabalho cooperativo, o aprendizado colaborativo e habilidades interpessoais, e de criar um ambiente propício que incentive a liderança e tomada de decisões. Essa ferramenta busca estimular e enriquecer a vida em grupo de forma a construir o apoio mútuo entre eles.

Dentro do movimento escoteiro, existem quatro grandes divisões por faixa etária: 1. Ramo Lobinho: composto por crianças de 7 a 11 anos; 2. Ramo Escoteiro: formado por pré-adolescentes de 11 a 15 anos; 3. Ramo Sênior: destinado a adolescentes de 15 a 18 anos; e 4. Ramo Pioneiro: voltado para jovens adultos de 18 a 21 anos. No âmbito dessas grandes categorias, são constituídas pequenas equipes, formadas com base na afinidade entre os membros. Essas equipes incluem a patrulha, um grupo formado por 6 a 8 pessoas que atua como o “núcleo familiar” de cada jovem e que seguirá junta até a transição para o próximo Ramo; e a tropa, que é composta por quatro patrulhas, totalizando entre 24 e 32 indivíduos. Esse sistema busca juntar dentro de cada Ramo crianças do mesmo estágio de desenvolvimento, seja infância, pré-adolescência, adolescência ou juventude mas, ao mesmo

tempo, reunir diferentes idades, de forma que possa ser construído um sistema de tutoria entre pares, elemento essencial para um ambiente de aprendizagem cooperativa (OMME, 2019).

Para que o Movimento se desenvolva, conta-se com o **apoio de adultos voluntários** que assumem o papel de proporcionar aos jovens oportunidades de aprendizagem e de autodesenvolvimento. Essa relação entre adultos e jovens estabelece-se por meio de uma parceria fundamentada no respeito mútuo, na confiança e no diálogo intergeracional, no qual o jovem compartilha com o adulto a tarefa de alcançar o seu próprio crescimento (UEB, 2021).

O objetivo do adulto dentro do Movimento Escoteiro consiste, então, em preparar um ambiente propício para que o jovem possa ampliar sua visão, se tornar questionador, assumir a responsabilidade por suas decisões, e proporcionar apoio educacional, emocional, informativo e avaliativo.

O apoio educacional envolve o oferecimento de ajuda e assistência tangíveis que auxiliem diretamente o desenvolvimento auto educacional dos jovens. O apoio emocional está associado ao compartilhamento de experiências de vida. Envolve oferecer empatia, dedicação, confiança e cuidado. O apoio informativo inclui proporcionar conselhos, sugestões e informações que os jovens podem usar para resolver problemas. O apoio avaliativo envolve oferecer informações úteis para a autoavaliação, que incluem feedback construtivo, afirmação da personalidade e observância dos valores organizacionais. [...] De modo geral, os adultos estão lá para ajudar os jovens a se preparar, bem como para apoiar, guiar, orientar e facilitar as experiências de aprendizado (OMME, 2019 p. 19).

Com o objetivo de facilitar o aprendizado, a formação de uma identidade única e o desenvolvimento do senso de pertencimento por parte dos jovens, o Movimento Escoteiro utiliza-se de **marcos simbólicos**, isto é, um conjunto de símbolos, temas e histórias que ajudam a transmitir para as crianças a mensagem educacional do Movimento. Além disso, o marco simbólico representa a proposta educacional para cada faixa etária e estimula a coesão do processo educativo dentro do Movimento em nível global. Para cada Ramo, isto é, a divisão de faixa etária citada anteriormente, existe um marco simbólico, são eles:

Ramo Lobinho (7 a 11 anos): marco simbólico relacionado ao “Livro da Jângal”, escrito por Rudyard Kipling, e as aventuras de Mowgli, o menino-lobo. Esse livro funciona como cenário lúdico para as atividades propostas. Sua ênfase educativa é o processo de socialização da criança. (UEB, 2013).

Ramo Escoteiro (11 a 15 anos): seu marco simbólico é a frase “explorar novos territórios com um grupo de amigos” e tem o objetivo de promover a vida em equipe e o

encontro com a natureza. A ênfase educativa é o processo de criação e ampliação da autonomia (UEB, 2013).

Ramo Sênior (15 a 18 anos): o marco simbólico é representado pela expressão “superar seus próprios desafios” e tem o objetivo de incentivar o jovem a se autoconhecer e ser capaz de desenvolver-se superando os obstáculos encontrados nessa faixa etária. A ênfase educativa se dá no processo de autoconhecimento, aceitação e aprimoramento das características pessoais, auxiliando o jovem na formação de sua identidade (UEB, 2013).

Ramo Pioneiro (18 a 21 anos): seu marco simbólico é representado pela frase “tenho um projeto para minha vida” e tem o objetivo de incentivar um olhar voltado para os próprios planos para o futuro. A ênfase educativa dessa fase é o processo de integração do jovem à sociedade, privilegiando a expressão da cidadania e auxiliando o jovem a colocar em prática os valores da Promessa e da Lei Escoteiras no mundo mais amplo em que passa a viver (UEB, 2013).

Cada um desses marcos simbólicos atua como objetivos de cada faixa etária e deixa muito claro, para adultos voluntários, pais e crianças, como serão realizadas as atividades de cada Ramo. A partir deles, cria-se um cenário que envolve e estimula os jovens a participarem do movimento. Por exemplo, no Ramo Sênior sabe-se que o marco simbólico envolve superar desafios, logo as atividades propostas trazem momentos de aventura como escalada, rapel, navegação, e isso engaja os jovens e os estimula a criar e propor atividades.

O contexto em que se desenvolve todo o Movimento Escoteiro é a **natureza**³, um ambiente que oferece oportunidades para aprendizado e aventura. É por meio do contato com o mundo natural que o jovem escoteiro é estimulado a buscar seu desenvolvimento físico, intelectual, emocional, social e espiritual e, a partir dessa interação, ele é capaz de estabelecer uma conexão mais construtiva e saudável com o meio ambiente.

No entanto, tal elemento do Método Escoteiro envolve mais do que apenas realizar atividades ao ar livre para desenvolver um contato construtivo com a natureza, mas também fazer pleno uso de todas as oportunidades únicas de aprendizado oferecidas pelo mundo natural para contribuir com o desenvolvimento dos jovens. Envolve o valor educacional do desafio de estar na natureza, que incentiva os jovens a serem inventivos e crescerem. Também envolve a abordagem da sustentabilidade, que proporciona uma melhor conexão, respeita e incentiva comportamentos sustentáveis individuais. (OMME, 2019, p. 20)

³ Para fins deste estudo, utilizamos os termos natureza e mundo natural com referência aos espaços e ecossistemas com baixo impacto ou consequências das obras e atividades humanas, que não tenham sido substancialmente modificados pela ação humana ou que persistem próximos a seu estado original apesar desta intervenção. Atividades na natureza podem ser tomadas no sentido de atividades ao ar livre em espaços com essas características.

Compreender que fazemos parte de um mundo do qual dependemos da natureza é fundamental no processo de desenvolvimento infantil. Durante muito tempo, a humanidade desrespeitou o meio ambiente, e atualmente enfrentamos as consequências do uso inadequado dos recursos naturais disponíveis. O Movimento Escoteiro, em seus princípios, reafirma o compromisso de cooperação com os outros e de respeito à natureza para a construção de um mundo melhor (UEB, 2021). Através de suas atividades e do programa educativo, busca estimular nas crianças e nos jovens uma convivência harmônica com o meio ambiente, promovendo um desenvolvimento sustentável para as futuras gerações e estabelecendo um mundo em que a preservação e o respeito à natureza sejam normas.

Por fim, o último elemento-chave que define o método educativo escoteiro é o **envolvimento comunitário**, que busca proporcionar ao jovem uma conexão maior com a sua própria comunidade, entendendo o seu papel dentro dela e, assim, possa se comprometer com a cidadania. Esse elemento é desenvolvido a partir do trabalho comunitário local, que em seguida se torna nacional e global, na tentativa de construir um mundo melhor. A comunidade é vista como uma oportunidade de aprendizagem para os jovens escoteiros, uma vez que promove o maior entendimento e a valorização entre as pessoas.

O envolvimento comunitário inclui ajudar os jovens a criar um mundo melhor, uma jornada que eles não podem seguir sozinhos e deixando a comunidade para trás. O engajamento dos jovens no serviço comunitário os empodera para que se comprometam com a cidadania global ativa, a partir de seu contexto imediato, e com a responsabilidade pessoal de entender seu papel na comunidade. Também lhes permite compreender como podem ajudar a transformar sua comunidade para melhor. Enfatiza-se a ideia de cidadania desde cedo, pois não precisamos esperar a idade adulta para sermos cidadãos. (OMME, 2019, p.20)

Estar conectado com a própria comunidade é o primeiro passo para a cidadania, e é de extrema importância na formação do senso crítico. Como citado anteriormente no memorial deste trabalho, o envolvimento comunitário foi para mim uma ferramenta essencial na formação da minha identidade e na percepção das minhas capacidades de atuar dentro da minha sociedade. A partir das oportunidades que tive, pude desenvolver o sentimento de cidadania global e compreender melhor o mundo ao meu redor.

Todos esses elementos que fazem parte do método educativo do Movimento Escoteiro são passados para os adultos voluntários por meio de treinamentos, cursos, livros e orientações para que se apropriem cada vez mais da proposta pedagógica e transmitam sentido nas atividades proporcionadas aos jovens. O aprender brincando que é promovido contém em sua fundamentação uma série de competências de aprendizagem a serem

alcançadas e todas as atividades propostas, por mais que pareçam para as crianças um momento de diversão, são alicerçadas em objetivos claros. Podemos ver a seguir a competência de aprendizagem que sustenta as atividades propostas na Imagem 3:

Imagem 3: competências de aprendizagem referentes às atividades da Imagem 2

| |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Sei buscar informações que me ajudam a analisar problemas e encontrar soluções, procurando minhas próprias leituras e relacionando com as coisas que me acontecem. |
| 24. Explorar com sua patrulha ou tropa a comunidade onde vive, identificando problemas e buscando soluções. |
| 25. Estimar altura e distâncias utilizando distintos métodos. |
| 26. Ler um livro e após a leitura apresentar um resumo a patrulha. |
| 27. Saber utilizar alguma técnica de previsão do tempo por indícios naturais. |

Fonte: Escotistas em Ação - Ramo Escoteiro, União dos Escoteiros do Brasil, 2019, p. 54.

A competência “sei buscar informações que me ajudam a analisar problemas e encontrar soluções, procurando minhas próprias leituras e relacionando com as coisas que me acontecem” atua como objetivo a ser alcançado por aquelas atividades propostas e, além disso, garante que a avaliação seja feita de forma alinhada com esses objetivos.

[As competências] são os aspectos que orientam as definições de atividades e que devem ser observados quando da avaliação da progressão de cada jovem. Avaliar o desenvolvimento não significa apenas verificar se o jovem executou as atividades propostas. Significa avaliar se as atividades sugeridas e realizadas cumpriram seu papel, que é o de facilitar a incorporação dos conhecimentos, habilidades e condutas expressas nas competências. Se isto não aconteceu, uma atividade pode ser substituída ou novas atividades devem ser propostas, até que a competência tenha sido alcançada (UEB, 2019, p. 49)

A proposta pedagógica do Movimento Escoteiro é extensa e complexa, desde a sua fundação em 1907 as atualizações e reestruturações da perspectiva educacional foram constantes, uma vez que faz parte do projeto educativo do movimento estar sempre alinhado às necessidades da sociedade e do tempo histórico em que se insere, visando superar desafios globais e construir respostas para tais. Atualmente, percebemos a necessidade de um olhar mais cuidadoso com o meio ambiente a fim de enfrentar as mudanças climáticas e a degradação ambiental, e do fortalecimento das relações pessoais a fim de combater a desigualdade de gênero, a violência e a intolerância cultural e religiosa (OMME, 2019). Com isso, o Movimento Escoteiro busca adaptar-se a essas necessidades sem separar-se de seus valores e princípios que o definem como instituição educativa não-formal.

Cidadania Planetária

Neste estudo, utilizaremos a perspectiva de cidadania planetária pensado por Francisco Gutiérrez e Cruz Prado Rojas, no âmbito da Ecopedagogia. Dentro de um contexto em que a relação humana com o meio ambiente vem sendo constantemente rompida e enfraquecida, os autores propõem uma nova perspectiva de cidadania que busca restabelecer a harmonia ambiental no planeta a partir da impregnação de sentido na vida cotidiana. Com um olhar pedagógico, essa teoria visa trazer para a educação um trabalho direcionado e significativo.

A noção de Cidadania Planetária sustenta-se na visão unificadora do planeta e de uma sociedade mundial. Ela abarca um conjunto de princípios, valores, atitudes e comportamentos e demonstra uma nova percepção da Terra como uma única comunidade (Gutierrez; Prado, 1999, p.22)

O livro “Ecopedagogia e Cidadania Planetária”, escrito pelos autores em 1999, nasce como resposta ao Programa de Cidadania Global Ambiental criado pela comissão das Organizações Unidas em 1996 com a iniciativa de desenvolver um plano de ação para a formação de uma cidadania consciente de suas responsabilidades. O ativismo ambiental até então mostrou-se pouco efetivo em sua prática, uma vez que separa a vida dos indivíduos das ações das instituições, e não trazia o sentido de suas práticas para o cotidiano. Visto isso, notou-se a necessidade da formação, a partir da educação, de um cidadão crítico e consciente, comprometido com a mudança de mentalidade acerca do meio ambiente e capaz de compreender as necessidades da sua sociedade local, nacional e global (Gutierrez; Prado, 1999).

A lógica de produção e consumo que foi estabelecida na humanidade a partir da revolução industrial fez com que fosse rompido o equilíbrio natural e fosse estabelecida uma desarmonia a partir do uso exacerbado de recursos naturais e exploração da natureza de forma desenfreada. Essas ações são perceptíveis na grave crise ecológica que vivemos e que se acentua com o passar do tempo. É nesse cenário que a ecologia busca uma remodelação, baseada na relação ética com o meio ambiente, do papel que o ser humano desempenha dentro do ecossistema planetário.

Para romper esse modelo e construir uma nova maneira de interpretar e se relacionar com o planeta, os autores afirmam que é necessária a criação de uma sociedade sustentável, fundamentada no profundo respeito das diferentes etnias e culturas e que busque restaurar as antigas práticas que envolviam mais respeito e interconexão entre seres humanos e natureza. Nesse contexto, a visão da ecologia, isto é, “ a ciência de relações entre todos os

seres do universo” (Gutierrez; Prado, 1999, p.33), sugere instrumentos de intervenção que possam superar a visão reducionista e anti-harmônica atual, a fim de criar novas formas de ser e estar neste mundo.

Se a lógica da acumulação presidiu até hoje os processos de desenvolvimento, um desenvolvimento que nos leva a uma destruição apocalíptica, necessitamos de novas categorias interpretativas e de novos valores que nos obriguem a construir os instrumentos de intervenção mais idôneos para a conquista da sociedade sustentável que buscamos.

O modelo proposto pela sociedade dominante, [...], é inviável, e é assim porque não respeita as diferenças nem entre os seres humanos, nem entre as culturas e etnias das diferentes regiões do planeta Terra. (Gutierrez; Prado, 1999, p.34)

É indispensável, portanto, superar falsos valores e iniciar uma revolução espiritual radical. Criar novas concepções espirituais pode ser a fonte inspiradora e propulsora de transformações nos campos econômicos, políticos, culturais, que serão capazes de romper os moldes rígidos e papéis hierárquicos da sociedade atual e, assim, instaurar a sociedade sustentável, com o objetivo de alcançar todas as potencialidades humanas.

A perspectiva da Planetariedade é introduzida pelos autores como uma abordagem capaz de elaborar um novo projeto civilizatório que altere o destino da humanidade. Essa perspectiva enxerga o ser humano como uma parte constituinte do imenso cosmos planetário, isto é, a espécie humana não é entendida como dominante, e sim parte de um todo que deve existir em harmonia. Atingir a planetariedade requer uma profunda mudança de valores e a ressignificação das práticas humanas, começando pela tomada de consciência da Terra como um ser vivo e inteligente, e a partir disso é preciso criar novas relações com o planeta, novas formas de solidariedade para proteger toda a vida na Terra e assumir responsabilidade por elas.

A formação de uma cidadania planetária torna-se uma necessidade para a implementação de uma cultura social de desenvolvimento sustentável, com novas formas de fazer política, economia, ciência e espiritualidade. O cidadão planetário, descrito por Gutiérrez e Prado, é caracterizado por manter o contato com a natureza de forma respeitosa, sente-se parte dela mas não dono; é crítico e questionador e está sempre em busca de pesquisar e educar-se; é aberto à novas ideias; é solidário com os todo os seres do planeta Terra; tem autoconfiança na sua própria experiência; e vive a vida como um processo fluido e flexível, capaz de lidar com as incertezas e se afasta das concepções rígidas. Essas características o tornam consciente e apto para colocar em prática um plano de ação que garanta as mudanças necessárias na sociedade.

Entretanto, o sujeito planetário não conseguirá atingir esses objetivos sozinho, é preciso a constituição de uma sociedade sustentável, “a criação e recriação permanentes de relações do indivíduo com os grupos, instituições, governos locais e demais organizações sociais” faz-se indispensável para se concretizar a cidadania planetária (Gutierrez; Prado, 1999, p.43). As relações harmônicas entre indivíduo e grupos facilita o processo de construção de uma sociedade em consonância com as necessidades da natureza. Para atingir esse objetivo é necessário impregnar de sentido as práticas cotidianas da vida, buscando um novo panorama do contexto sócio-ambiental nas ações diárias.

Em 1992, realizou-se no Rio de Janeiro a Conferência Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, promovida pela Organização das Nações Unidas - ONU. Esse evento foi um grande marco para o desenvolvimento sustentável, uma vez que representantes de 172 países se comprometeram com uma série de acordos para promover práticas responsáveis em seus territórios. Todavia, pode-se perceber que as ações tomadas durante os 32 anos após a Conferência se distanciaram muito do discurso dos documentos. A Declaração do Rio de Janeiro (1992), documento oficial que resultou da Conferência, afirma em seu 8º princípio: “Para atingir o desenvolvimento sustentável e mais alta qualidade de vida para todos, os Estados devem reduzir e eliminar padrões insustentáveis de produção e consumo e promover políticas demográficas adequadas.” (ONU, 1992). Hoje, em 2024, é perceptível que os acordos firmados não foram cumpridos.

Gutierrez e Prado exploram em seu texto a dificuldade que existe em alinhar a prática diária das instituições e dos indivíduos com o discurso pregado pelos governantes. Segundo os autores, para conseguirmos concretizar a cidadania planetária e a formação do cidadão planetário com as características citadas anteriormente, é preciso um “processo pedagógico diário, silencioso e continuado” (Gutierrez; Prado, 1999, p. 49), que traga para a cotidianidade os valores abordados na Declaração, a partir de um processo educativo longo, bem estruturado e dinâmico, que leve em consideração os aspectos sociopolíticos, técnico-científicos, pedagógicos e temporais. Para os autores, “O sentido do processo não nasce das proposições teóricas ecologistas (Declaração), mas do acontecer dinâmico, dos problemas sentidos na cotidianidade e da busca de elementos satisfatores”. (Gutierrez; Prado, 1999, p. 51).

A impregnação de sentido na prática educativa para o desenvolvimento sustentável é de tamanha importância pois é a partir deste ponto que se constrói o interesse, instiga-se a criatividade, o sentimento, a empatia, e a imaginação, que trarão a possibilidade do pensar

crítico e questionador, que culminará nas mudanças necessárias. Além disso, é capaz de gerar relações significativas que contribuem para a formação da sociedade sustentável.

O sentido inerente a todo o processo não apenas é dado pelas “verdades” transmitidas pelos discursos proferidos, mas primordialmente pela vivência sentida pelos participantes. Quando os participantes de um grupo encontram sentido para o seu agir, para seu caminhar, o processo tem a sua meta assegurada. Ou o processo tem sentido para seus participantes ou não é processo. (Gutierrez; Prado, 1999, p.53)

A Ecopedagogia abordada pelos autores busca a significação e concretização da cidadania planetária a partir da aprendizagem significativa construída pelo indivíduo dentro de seu contexto. É importante ressaltar que a formação desse sujeito consciente parte do pressuposto de uma atitude de aprendizagem que o leva a interrogar a realidade. Nesse contexto, a relação educador-educando deve basear-se em um diálogo horizontal, que permita a interlocução transparente, simples e clara, construindo uma relação de compreensão e empatia, que valorize a experiência individual. Por esse olhar pedagógico, é indispensável que haja resultados visíveis, que sejam permanentes e derivados da própria prática. Gutiérrez e Prado acreditam que uma aprendizagem que não gera produtos resulta na perda de interesse e no cansaço do educando.

Transformar a civilização e alcançar a sociedade proposta no livro demandam uma transformação profunda em paradigmas, visões e processos, além de novos indicadores sociais que orientem e avaliem essa mudança. Esse objetivo pressupõe o abandono do modelo acumulativo capitalista, visando a criação de um mundo mais solidário e justo. Assim, torna-se necessária uma organização e distribuição social do trabalho fundamentadas em princípios colaborativos, que priorizem uma convivência harmônica com outros seres e um desenvolvimento humano centrado no bem-estar comum do planeta. A nova lógica sugerida deve focar no exercício da liberdade e na cooperação entre os povos, sustentada por uma participação democrática ativa e uma auto-organização social que promova a colaboração e o senso de comunidade.

Colocar a cidadania planetária em prática requer que tanto a escola como os meios informativos, mais que mecanismos de imposição e controle, promovam processos de expansão, auto-organização, participação e auto-realização. Isto supõe ampliar e multiplicar os espaços de aprendizagem e os processos de relação e intercomunicação. Não nos deveria preocupar tanto a multiplicação do número de escolas e de cadeias de rádio e televisão, quanto a autogeração de múltiplas redes de comunicação e de espaços comunitários de interaprendizagem. (Gutierrez; Prado, 1999, p.89)

O caminho para concretizar essa nova visão de mundo e essa nova organização da sociedade é pela educação. Para tanto, os autores propõem sete espaços de aprendizagem que buscam abordar temáticas relacionadas à sustentabilidade e auxiliar na construção de competências que precisam ser aprimoradas pelos futuros cidadãos, para que eles possam navegar com liberdade na nova cultura sustentável a ser desenvolvida.

Primeiramente, deve-se promover a vida a partir da cotidianidade, isto é, gerar interesse pela vida no dia a dia e estar em harmonia com o meio ambiente. Esse primeiro espaço de aprendizagem visa valorizar os sentimentos relacionados com a natureza e o viver diário, dar sentido às pequenas coisas e sentir alegria no caminhar cotidiano, assim pode-se criar uma conexão mais profunda com o mundo ao nosso redor.

Para a construção de um contexto de maior conexão com o planeta Terra, é preciso agir eticamente, preocupar-se com as consequências de nossos atos sobre os outros. A ética, segundo os autores, funda-se no amor e na visão do outro, “é um acicate que impulsiona a convivência harmônica ao afirmar e promover a legitimidade do outro” (Gutierrez; Prado, 1999, p.101). O agir ético pode proporcionar um espaço de aprendizagem muito relevante ao promover entendimento dos desequilíbrios éticos que vivenciamos na sociedade moderna, e, a partir do reconhecimento e respeito ao próximo e da criação de relações de interação e auto-organização, somos capazes de reestruturar o contexto da sociedade moderna.

O desenvolvimento da sociedade na era pós-industrial trouxe como consequência a supervalorização da posse e o desequilíbrio dos ecossistemas do planeta, “nunca houve um crescimento econômico tão grande e também nunca existiu tanto desequilíbrio social” (Gutierrez; Prado, 1999, p.106). Com isso, criou-se uma cultura rígida, estática, com grandes imposições sobre a vida humana e que desvaloriza a sensibilidade e a capacidade emocional. Os autores afirmam que, para a construção de uma sociedade sustentável, é necessária uma mudança radical nos valores humanos, e a formação de um espaço de aprendizagem que nos incentive a ir além da perseguição de objetivos econômicos e começar a explorar a sensibilidade social, criar novas relações com os seres e as coisas.

Fomos educados - e continuamos educando - segundo uma maneira de sentir sem sentir; ensinaram-nos e continuamos ensinando a pensar desconectados do sentir e agimos desconectados da totalidade dos cosmos como se o planeta Terra nos pertencesse. Essa tomada de consciência nos obriga a romper com formas estereotipadas de sentir e pensar. Precisamos recuperar e desenvolver a capacidade de sentir, de nos emocionarmos, de vibrar. (Gutierrez; Prado, 1999, p.107)

Com esse objetivo, abrir espaços que trabalhem a convergência harmônica e a proximidade afetiva é essencial para a nova educação que buscamos. Os futuros cidadãos da

sociedade sustentável precisam aprender a agir com ternura, afetividade e exercitar a sensibilidade, a fim de abandonar antigos valores e criar novos. A educação desses cidadãos tem como meta recuperar o equilíbrio entre razão e intuição, para a fundamentação de uma cultura da sustentabilidade que valorize a inteligência emocional.

O entendimento da dimensão holística, tanto do ser humano quanto do mundo, esclarece as complexidades da nossa existência e nos possibilita romper com as amarras derivadas da ciência mecanicista. No âmbito educacional, pode-se criar espaços de aprendizagem que buscam integrar essa dimensão holística a partir do uso da imaginação a fim de transpassar fronteiras, criar e recriar novas possibilidades para o mundo.

Educar a imaginação é ter fé nas possibilidades que nascem do processo educativo com vistas à construção de um mundo possível que se faz, se transforma e se constroi conosco. Trata-se, em consequência, de fazer com que as realidades inexistentes existam, fecundar futuros audaciosamente, tornar visível o que é invisível [...] (Gutierrez; Prado, 1999, p.119).

Atingir a cidadania planetária só será possível se formos capazes de desenvolver uma consciência planetária, isto é, compreender que a Terra é um organismo vivo e dinâmico, do qual fazemos parte. Os antigos povos, como Maias ou os povos indígenas, são um claro testemunho da consciência planetária na prática. Em suas vidas cotidianas, trabalho e celebrações, eram capazes de se integrar com as outras vidas na Terra (Gutierrez; Prado, 1999). Hoje, mais do que nunca, precisamos retornar às práticas que nos permitiam estar em harmonia com a natureza. Na educação, devemos criar espaços que incentivem a mudança de visão acerca do nosso planeta, conhecê-lo como nossa casa, lugar onde vivemos e convivemos, e por isso devemos cuidar. Além disso, trabalhar a dimensão espiritual é fundamental para a consciência planetária, uma vez que será fonte de inspiração para a mudança de valores e transformações sociais.

A mudança na estrutura social, econômica e política é urgente. As condições de vida como conhecemos não serão viáveis se a sociedade capitalista e consumista não mudar a sua perspectiva em relação ao meio ambiente. Como os autores mencionam, essa mudança precisa ser profunda para atingir uma nova estrutura social, ela deve ir a fundo em nossos valores, sentimentos e compreensões sobre o mundo ao nosso redor para que seja eficiente. A educação é o caminho ideal. Pois, “a educação participa do processo de produção de crenças e ideias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto, constroem tipos de sociedades. E esta é a sua força” (Brandão, 1982, p.2).

COMO A PEDAGOGIA DO MOVIMENTO ESCOTEIRO SE RELACIONA COM A PERSPECTIVA DA CIDADANIA PLANETÁRIA?

Ninguém escapa da educação
Brandão, 1982.

Considerando a relevância e o impacto dos espaços de educação não escolares, surge o questionamento sobre como a pedagogia do Movimento Escoteiro, apresentada anteriormente, dialoga com a perspectiva de cidadania planetária conforme delineado por Francisco Gutiérrez e Cruz Prado. A partir da análise integrada dos documentos que compõem este trabalho, foi possível estabelecer um paralelo entre essas duas perspectivas, construindo uma ponte entre o método educativo escoteiro e a visão da sociedade sustentável defendida por Gutiérrez e Prado.

Ao identificar e analisar as visões fornecidas nos documentos, observa-se que ambas as perspectivas educacionais convergem em uma mesma preocupação central: a formação de uma nova geração de cidadãos ativos e responsáveis, comprometidos com suas comunidades locais e com o cuidado e respeito ao meio ambiente. Suas abordagens são distintas, Gutiérrez e Prado oferecem uma visão teórica sobre o que os espaços educacionais, sejam eles escolares ou não, devem propor e estimular para alcançar a cidadania planetária. O Movimento Escoteiro, por sua vez, possui uma abordagem prática, ele apresenta atividades, métodos, ações concretas que possibilitam a formação cidadã idealizada. De certa forma e em certa medida, o Movimento Escoteiro pode ser compreendido como a materialização das ideias defendidas por Francisco Gutiérrez e Cruz Prado, refletindo a teoria em práticas educacionais tangíveis. A seguir serão analisadas as características em comum entre as duas perspectivas considerando a relação teórico-prática entre elas.

A relação entre as duas perspectivas é perceptível desde a fundamentação. Ambas sustentam que a transformação necessária surge a partir da formação de um sujeito consciente e crítico, capaz de questionar e buscar respostas, espiritualmente conectado, autônomo e autoconfiante. Essa educação ultrapassa os limites da sala de aula, configurando-se como um processo contínuo e silencioso que se desenrola a partir da atribuição de sentido às práticas cotidianas, um caminho pedagógico voltado ao desenvolvimento de valores duradouros e transformadores.

Para viabilizar a formação educativa do sujeito, entendido aqui como pessoa planetária, é fundamental compreender as necessidades das comunidades local, nacional e global para que a aprendizagem se torne significativa. Dessa forma, o fazer pedagógico busca

respeitar o contexto de cada sociedade e permite que os educandos se estabeleçam como agentes sociais ativos em suas comunidades (Gutierrez; Prado, 1999). O Movimento Escoteiro adota essa abordagem ao incentivar o envolvimento comunitário dos jovens em seus próprios contextos sociais.

Por meio de atividades práticas, os jovens se mobilizam para atender demandas da comunidade local em que estão inseridos e, dessa forma, se engajam com o seu contexto, criando um senso de pertencimento e proximidade afetiva. Um exemplo, ilustrado nas imagens a seguir, é a reforma de uma escola realizada pelos jovens pioneiros (entre 18 a 21 anos) do Grupo Escoteiro José de Anchieta. Essas ações geram resultados visíveis e imediatos, ao mesmo tempo que promovem o respeito ao próximo e o fortalecimento dos vínculos comunitários.

Imagem 4: Reforma de uma escola na Estrutural



Fonte: Arquivo fotográfico do Grupo Escoteiro José de Anchieta 11 DF

Imagem 5: Reforma de uma escola na Estrutural



Fonte: Arquivo fotográfico do Grupo Escoteiro José de Anchieta 11 DF

A perspectiva da cidadania planetária tem como principal pilar a noção unificadora entre a Terra e os seres humanos, reconhecendo que somos integrantes de um ecossistema único e interdependente. Para que a concepção da planetaridade seja alcançada é preciso construir e reconstruir nossa relação com a natureza, baseando-se em mais respeito, cuidado, solidariedade e harmonia. Esse processo exige que assumamos responsabilidade por nossas ações em relação ao meio ambiente, direcionando esforços conscientes para a proteção e preservação de toda a vida na Terra.

Dentro desse cenário, a educação tem como papel promover espaços que incentivem a conexão com a natureza e estimulem o desenvolvimento de sentimentos de afeto e pertencimento em relação ao planeta Terra, para que os próximos cidadãos cuidem de todas as formas de vida de maneira instintiva e espontânea.

Em minha experiência, como citado no memorial deste trabalho, tive a oportunidade de explorar e viver a natureza bem de perto e com isso criei um forte vínculo, percebi a natureza como a minha segunda casa. O Movimento Escoteiro tem em um dos seus pilares, na Lei Escoteira, um artigo que conversa sobre estabelecer um vínculo com a natureza e as diferentes formas de vida: “Art 6º: O Escoteiro é bom para os animais e as plantas” com uma linguagem simples e acessível para as crianças a partir dos 7 anos, esse artigo tem como objetivo servir de base e guiar as ações diárias dos escoteiros. Além disso, o método educativo escoteiro tem a natureza como o cenário para atividades diversas, seja de aventura, espiritualidade, cooperação.

Essas experiências também permitem aos jovens entrar em contato direto e perceber seu vínculo com a natureza em ambientes urbanos, rurais e selvagens, o que propicia descobrir a relação vital que une os seres humanos com os sistemas e processos da natureza e a desenvolver com ela uma conexão construtiva. (UEB, 2021, p. 31)

Por meio de atividades exploratórias, como trilhas e visitas a cavernas, e ações de conscientização, como a elaboração de uma horta, o Movimento Escoteiro viabiliza a criação de espaços que promovem a visão de planetariedade proposta por Gutiérrez e Prado. Essas experiências práticas permitem que os participantes fortaleçam a consciência ambiental e os valores necessários para a cidadania planetária. Tais atividades são exemplificadas nas fotos a seguir: a imagem 6 refere-se a uma atividade do Grupo Escoteiro José de Anchieta com os Lobinhos (participantes de 7 a 11 anos) no Parque da Cidade Sarah Kubitschek em Brasília, Distrito Federal, já as imagens 7 e 8 referem-se a um acampamento de aventura realizado

pelo Grupo Escoteiro Gavião Real com os Seniors (participantes de 15 a 18 anos) em Terra Ronca - Goiás, e a imagem 9 mostra uma embarcação construída pelos adolescentes para navegar dentro do Lago Paranoá em Brasília, Distrito Federal.

Imagem 6: Criação de uma horta



Fonte: Arquivo fotográfico do Grupo Escoteiro José de Anchieta 11 DF

Imagem 7: Trilha pela caverna em Terra Ronca-GO



Fonte: Arquivo pessoal

Imagem 8: Trilha pela região de Terra Ronca-GO



Fonte: Arquivo pessoal

Imagem 9: Embarcação construída pelos escoteiros no Lago Paranoá



Fonte: Arquivo pessoal

Por meio de atividades como as mencionadas anteriormente, o vínculo entre o ser humano e a natureza se intensifica, possibilitando o desenvolvimento de uma maior sensibilidade e empatia em relação às questões ambientais, e cria-se o espaço ideal para o desenvolvimento da planetaridade. Entretanto, para alcançá-lo é necessário ir além da conexão com a natureza, é preciso também trabalhar em busca da união entre os diferentes povos e culturas pertencentes ao planeta Terra.

Alcançar o desenvolvimento sustentável e construir uma nova visão de sociedade requer a transformação dos valores predominantes. Atualmente, vivemos em uma sociedade fragmentada por fronteiras e pautada pela crença em uma cultura dominante, o que frequentemente desrespeita as diversas crenças e costumes de outros povos. Essa dinâmica tem alimentado processos de violência e destruição, tanto contra as populações quanto contra a natureza, cujos impactos se fazem presentes nos dias de hoje.

Dessa forma, é necessário proporcionar espaços de aprendizagem que se fundamentem no reconhecimento e respeito das diferentes culturas, promovendo a construção de um ambiente de harmonia e cooperação entre todos os povos. Para que isso se concretize, é fundamental que ocorra o intercâmbio e a comunicação entre os distintos modos de viver, oferecendo às pessoas a oportunidade de desenvolver sua sensibilidade e estabelecer conexões com diferentes culturas, visando à construção de uma sociedade global.

Segundo Moacir Gadotti (2009), “o conceito de cidadania planetária tem a ver com a consciência, cada vez mais necessária, de que somos todos habitantes de uma única casa, de uma única morada, de uma única nação.” Nesse sentido, o Movimento Escoteiro busca proporcionar aos seus membros oportunidades de se conectar com pessoas e realidades diferentes, aumentando a compreensão intercultural e intergeracional e reconhecendo-se como cidadãs e cidadãos ativos em sua comunidade local e global (UEB, 2021), concretizando esses espaços de aprendizagem para a planetariedade.

Isso acontece a partir de atividades e acampamentos que procuram explorar as diferentes culturas globais e estimular o intercâmbio de costumes, línguas, manifestações artísticas e conhecimentos. Pode-se retratar tais atividades nas fotos a seguir: a imagem 10 refere-se a um pernoite na aldeia indígena Piraquê Açú, no Espírito Santo, no qual os jovens puderam vivenciar as manifestações culturais e gastronomia provida pelos locais. As imagens 11, 12 e 13 referem-se ao acampamento mundial escoteiro em 2015, denominado Jamboree, que tomou lugar no Japão e foi citado anteriormente no memorial deste trabalho, no qual os jovens tiveram a possibilidade de explorar e viver as culturas locais, aprendendo sobre a história e religiosidade do país.

Imagem 10: Pernoite na aldeia indígena Piraquê Açú, em Aracruz-ES.



Fonte: Arquivo pessoal

Imagem 11: Passeio ao templo Sensoji em Tóquio - Japão



Fonte: Arquivo pessoal

Imagem 12: Visita ao memorial de Hiroshima e Nagasaki - Japão



Fonte: Arquivo oficial de fotos do 23º Jamboree Mundial, UEB, 2016.

Imagem 13: Vista aérea do 23º acampamento mundial de escoteiros, Jamboree, em Kirarahama no Japão



Fonte: Blog J-Hoppers & Hana Hostel

Porém, a construção dessa nova sociedade sustentável requer uma mudança profunda de valores. De acordo com os autores, essa mudança demanda uma revolução espiritual, pois somente através dela seremos capazes, como sociedade humana, de redefinir nossa relação com o planeta Terra e romper com os modelos rígidos e destrutivos que ainda seguimos. A

dimensão espiritual será então a fonte propulsora para as transformações, uma vez que estimula o pensar sobre a complexidade humana e o desenvolvimento da sensibilidade e capacidade emocional.

O Movimento Escoteiro incorpora em seus princípios o compromisso com o desenvolvimento da espiritualidade, buscando oferecer um ambiente acolhedor que promova reflexões pessoais e coletivas. Esse espaço convida crianças, adolescentes e jovens a transcender o mundo material, explorando as dimensões de uma realidade espiritual que irá levá-los a uma vida coerente com seus valores (UEB, 2021).

As imagens a seguir ilustram algumas das atividades espirituais promovidas pelo Movimento Escoteiro junto aos seus jovens. Essas práticas são realizadas de forma contínua e intencional, com o propósito de nutrir e fortalecer a conexão espiritual tanto individual quanto coletiva.

Essas atividades desempenham um papel fundamental na formação integral dos participantes, incentivando reflexões profundas e o desenvolvimento de valores que transcendam o mundo material. Além disso, contribuem para a construção da cidadania planetária ao estimular uma maior sensibilidade, harmonia e respeito em relação à natureza, às diversas culturas e à interconexão entre todos os seres vivos.

Imagem 13: Cerimônia espiritual realizada pelos lobinhos do Grupo Escoteiro José de Anchieta



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 14: Cerimônia espiritual de encerramento do Fogo de Conselho no Centro Escoteiro Internacional de Kandersteg - Suíça.



Fonte: Acervo pessoal

A partir da análise de tais elementos referentes ao conceito de cidadania planetária e à pedagogia do Movimento Escoteiro, pode-se perceber que em muitos momentos há o entrelaçamento de ambos os pensamentos. Embora não sejam teorias diretamente interligadas, é possível admitir que a perspectiva da cidadania planetária pode servir como apoio teórico para a prática realizada dentro do Movimento Escoteiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar as relações entre a proposta pedagógica do Movimento Escoteiro e a perspectiva de cidadania planetária desenvolvida pelos autores Francisco Gutiérrez e Cruz Prado a partir do estudo das duas concepções de forma crítica e da identificação dos elementos convergentes de ambas propostas, analisando-os e relacionando-os.

O caminho para alcançar tais objetivos se deu a partir de pesquisa bibliográfica e documental. Inicialmente foram analisados os documentos oficiais do Movimento Escoteiro, seguido do estudo de teorias da Ecopedagogia e da análise do livro “Ecopedagogia e Cidadania Planetária” de Francisco Gutiérrez e Cruz Prado. A partir desse estudo, foi possível refletir sobre o método educativo escoteiro e suas particularidades, entender o conceito de cidadania planetária de Gutiérrez e Prado e estabelecer uma conexão significativa entre essas duas perspectivas, evidenciando seus pontos de convergência.

Ao fazer esta análise, pode-se perceber que as duas concepções analisadas nascem da mesma preocupação: a formação de uma nova geração de cidadãos ativos e responsáveis, comprometidos com suas comunidades locais e com o cuidado e respeito ao meio ambiente. Aprofundando a reflexão, percebe-se que, de certa forma, o Movimento Escoteiro representa a materialização dos espaços de aprendizagem idealizados pelos autores do livro e atuam na prática os princípios teóricos por eles propostos. Além disso, pode-se entender mais sobre espaços de educação não escolares e a sua relevância para a formação do cidadão ativo e consciente dentro da comunidade.

O estudo torna-se relevante pois analisa o papel educativo de espaços não escolares, com foco especial no Movimento Escoteiro, e conecta-os com teorias educativas dentro da Pedagogia. Ademais, levanta a questão da necessidade de uma educação centrada na preservação ambiental e no cuidado com o Planeta Terra, enfatizando a necessidade de formar cidadãos conscientes e engajados.

Pessoalmente, o trabalho aqui descrito me possibilitou encontrar teorias dentro da Pedagogia que se conectam fortemente com os valores que acredito serem importantes para pensar os espaços de educação. Além disso, fui capaz de refletir sobre a minha trajetória como estudante e questionar o papel do pedagogo dentro dos espaços educativos não escolares, levando-me a compreender que a educação transcende os limites da sala de aula e se manifesta em diversos contextos e práticas.

Este trabalho aponta possibilidades para novas investigações sobre o conceito de cidadania planetária, analisando perspectivas de outros autores e relacionando com a

educação que queremos para a sociedade. No âmbito da educação escoteira, pode-se buscar aprofundamento no entendimento de suas práticas, analisando-as com outras teorias pedagógicas.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. Brasiliense. 1982.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

CARTA DA TERRA INTERNACIONAL. 1994. Disponível em: <<https://cartadaterrainternacional.org/leia-a-carta-da-terra/>> . Acesso em: 25 out 2024.

DECLARAÇÃO DO RIO DE JANEIRO. 1992. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/szzGBPjxPqnTsHsnMSxFWPL/?lang=pt.>> Acesso em: 4 nov. 2024.

ESCOTEIROS DF. **História**. Escoteiros DF. Disponível em: <<https://escoteirosdf.org.br/escotismo/historia/>> . Acesso em: 20 set. 2024.

ESCOTEIROS DF. **Resumo da história do escotismo no Brasil**. Escoteiros DF, 2016. Disponível em: <<https://escoteirosdf.org.br/2016/06/20/resumo-da-historia-do-escotismo-no-brasil/>> . Acesso em: 20 set. 2024.

GADOTTI, Moacir. **Ecopedagogia, pedagogia da terra, pedagogia da sustentabilidade, educação ambiental e educação para a cidadania planetária**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009. Disponível em: <<https://acervoapi.paulofreire.org/server/api/core/bitstreams/9dd56873-4376-4643-b8ad-1250a54e7c66/content>> Acesso em: 10 mai 2024.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra: ecopedagogia e educação sustentável**. Buenos Aires: Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO), 2001.

GADOTTI, Moacir. **Educar para a sustentabilidade: uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008. (Série Unifreire; 2).

GUTIÉRREZ, Francisco; PRADO, Cruz. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. 2. ed. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1999. Coleção Guia da Escola Cidadã, vol. 3.

MAGALHÃES, Jonas Emanuel. Função sociopolítica da educação e o papel dos pedagogos na educação não-escolar: âmbitos de atuação político-pedagógicos e campos teórico-profissionais. **Olhar de Professor**, [S. l.], v. 26, p. 1–23, 2023

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO MOVIMENTO ESCOTEIRO (OMME). **Características essenciais do escotismo**. Tradução brasileira, 2019. Disponível em: <https://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2020/04/As_caracteristicas_essenciais_d_o_escotismo.pdf> Acesso em: 07 set 2024

PIMENTA, Selma Garrido; SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima (orgs.). **Pedagogia: teoria, formação, profissão**. São Paulo: Cortez, 2021. pp. 321-349.

THOMÉ, Antonio Carlos. **Movimento Escoteiro**: Projeto Educativo Extraescolar. 2006.
Disponível em:

<<https://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2020/09/MOVIMENTO-ESCOTEIRO-PROJETO-EDUCATIVO-EXTRA-ESCOLAR.pdf>> Acesso em: 20 set. 2024.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL (UEB). **Cartilha Escotismo Mundial**.

Disponível em:

<https://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2016/04/Cartilha_escotismo_mundial.pdf> . Acesso em: 21 set. 2024.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL (UEB). **Escoteiros do Brasil**. União dos Escoteiros do Brasil. Disponível em:

<<https://www.escoteiros.org.br/escoteiros-do-brasil/#:~:text=A%20Uni%C3%A3o%20dos%20Escoteiros%20do,praticam%20o%20Escotismo%20no%20Brasil.>> Acesso em: 02 out. 2024.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL (UEB). **Relatório Anual 2023. 2024**. Disponível em:

<https://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2024/06/Relatorio_Anual_2023.pdf>
Acesso em: 02 out 2024

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL (UEB). **Tropa escoteira em ação**. 2022.

Disponível em:

<[https://www.escoteiros.org.br/literaturas/Ramo_escoteiro_\(acesso_aos_escoteiros_e_escoteiras\)/Tropa_escoteira_em_acao.pdf](https://www.escoteiros.org.br/literaturas/Ramo_escoteiro_(acesso_aos_escoteiros_e_escoteiras)/Tropa_escoteira_em_acao.pdf)> Acesso em: 10 out 2024.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL (UEB). **Projeto educativo**. Curitiba: UEB, 2021.
Disponível em:

<https://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2021/09/ProjetoEducativo_2021.pdf>
Acesso em: 15 out 2024

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL (UEB). **Princípios, organização e regras**: POR. Curitiba: UEB, 2013. Disponível em:

< https://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2020/07/POR_2013_20.pdf> Acesso em: 10 jul 2024

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL (UEB). **Escotistas em ação**: ramo escoteiro. 2019. Disponível em:

<[https://www.escoteiros.org.br/literaturas/Ramo_escoteiro_\(acesso_aos_escotistas\)/Escotistas_em_acao_ramo_escoteiro.pdf](https://www.escoteiros.org.br/literaturas/Ramo_escoteiro_(acesso_aos_escotistas)/Escotistas_em_acao_ramo_escoteiro.pdf)> Acesso em: 20 out 2024.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL (UEB). **Book de fotos do contingente brasileiro no 23º Jamboree Mundial Escoteiro**, Japão. 2016. Disponível em:

<https://www.escoteiros.org.br/wp-content/uploads/2016/06/book_jamboree_mundial_japao.pdf> Acesso em: 25 nov 2024.

WORLD ORGANIZATION OF THE SCOUT MOVEMENT (WOSM). **Constitution**. 2011.
Disponível em:

<<https://learn.scout.org/resource/constitution-world-organization-scout-movement>> . Acesso em: 10 out 2024.